



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

12 DE MARÇO DE 1966
ANO XXIII — N.º 574 — Preço

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENAR
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

"O Gaiato" faz anos

Faz 22. Completou-os há oito dias, no 5 de Março.

Lembro-me bem. Era estudante e li num vespertino a pequenina notícia do novo jornal. Não sei que interesse tive em conhecê-lo. Talvez um gosto efémero de coleccionar os números 1 de publicações que iam aparecendo... (Do que Deus Se serve para nos proporcionar o encontro do que se há-de amar!)

Também me não recorde de como descobri onde «O Gaiato» se vendia. Era em Lisboa; e demoraria ainda quatro anos até que a venda fosse feita pelos nossos Rapazes. Com certeza que tive de procurar. E como «quem procura, achará»... — achei.

Depois..., não há mistério. Devorei o n.º 1 e o 2... e todas as quinzenas buscava ansioso o pequenino jornal. Esqueci, mesmo, o gosto de coleccionar o número primeiro das publicações que iam saindo. Devo ter perdido os que cheguei a juntar. Mas «O Gaiato» nunca mais esqueci nem dispensei. Por ele conheci Pai Américo e a Obra. Por ele me enamorei d'Ela. Já A amava muito quando visitei o Lar do Porto e depois Paço de Sousa; e depois Miranda e o Tojal. Só não sabia ainda que havia de vir a pertencer-Lhe, a vivê-la por dentro — que é perspectiva diferente tanto no ver como no amar.

E eis-me hoje a falar de «O Gaiato», faminto do sabor que lhe encontrava quando só tinha que lê-lo — tinha que lê-lo, por aquela imposição interior que o amor produz.

Agora há que fazê-lo. O sabor não é o mesmo. Agora sei o que estudei: que o pensamento é obra de geração. E assim como a mulher que dá à luz, logo experimenta no filho aconchegado a si a alegria que apaga as dores sofridas — assim também «O Gaiato» nos recorda o sabor antigo, depois, quando o tempo vai rolando; e quanto mais, mais requintado o sabor.

Sei de quem retome muitas vezes a colecção de «O Gaiato» e comece pelo número 1, a seguir... Últimamente as manifestações mais calorosas têm vindo até de um dos nossos padres mais novos e de um dos nossos Rapazes mais responsáveis. Que bom! Quem dera que todos os nossos Rapazes sentissem a mesma fome, a mesma necessidade — e tivessem que lê-lo — e se fossem conformando a Pai Américo, portanto às revelações que Deus quis fazer por ele, hoje tão explícitas e actuais, tão universalizadas, na Sua Igreja neste tempo conciliar — quem dera!

Foi há 22 anos que «O Gaiato» aconteceu. Quanto não terá sofrido Pai Américo ao dá-lo à luz! Quanto não sofreu cada quinzena após, ao redá-lo à luz! Quanto não sofreu, justamente por ser ele luz da Luz!

Foi há 22 anos! Será enquanto Deus quiser.



A Casa do Gaiato de Malanje é uma realidade. Foi-se o feitiço e as obras aparecem. O edifício das escolas é lindo! Com a vossa ajuda confiando no Senhor, outros surgirão.

MALANJE

Ele domina o vale! O nosso Cruzeiro de pedra!

Foi arrancado à montanha de «Matari já Ginga», onde, diz a tradição, a Rainha Ginga os seus matavam e comiam os portugueses. A uns metros do penedo que deu a nossa cruz, estava a pedra do «feitiço». Nenhum indígena passava lá de noite.

Foi-se o feitiço. E nós continuamos arrancando a «Matari já Ginga» a bela pedra cor de rosa. Já foi a da Casa-Mãe, a das escolas, a da cruz, as alminhas de Malanje e o altar e sacrário da Maxinde; vai ser a da capela, a do altar — um só bloco que será o fecho deste primeiro arranque.

Mas hoje, venho, sobretudo, comunicar-vos a alegria do nosso cruzeiro de pedra! Ele é o sinal do fogo vivo... no domínio total, na total abjecção, no amor louco! E também o é de contradição.

Ora vejam:

Apareceu-me há dias um rapariga indígena de vinte e três anos — com um filho muito magro ao colo e outro de sete anos colado à saia.

O pai dos filhos, «depois de sete anos ter escrava», deitou-a fora. Pensou levar vida «decente», casar pela igreja, apresentar a esposa, receber o missionário em casa.

E, então, no mesmo écran — dois quadros vivos: A vida decente do casal «bem»; e o desenrolar esfarrapado destas três eriatras sem rumo — mãe e os dois filhos.

Esta a contradição. Este o dedo apontado — não tanto de acusação — mas às consciências para as acordar.

Padre Telmo

A braços com falta de imaginação crónica — a qual sofre actualmente período deveras crítico — eu resolvi chamar os Directores Artísticos para me informarem de qualquer coisa interessante que vos pudesse dizer. Tentei, mesmo, fazer-lhes uma entrevista. Primeiro chamei o João. Este esquivou-se. Depois chamei Bernardino, o seu adjunto. Este respondeu-me: — Isso não me compete a mim.

Que fazer?...

Tive de deitar mão da bisbilhotice e tentar saber por portas e travessas algo do que por lá vai.

FESTAS

Por mim só sei que sou a encruzilhada de muitas queixas. Agora mesmo saiu Manel Pinto: — Estou eu agora aqui e o secretário foi pró ensaio. E como é um sorna de jeito já me foi dizendo que não volta ao escritório esta tarde.

(O secretário é o «Caixa»).

Júlio é dos que menos refila, porque também muito metido na Festa. Que quando é para

outra coisa, é um castigo arrancar-lhe alguém da oficina!

Ao Júlio nem o vi hoje, que logo de manhãzinha abalou pró Porto a tratar de uma coisa chamada comumente publicidade, nome que ele rejeita, dizendo que «se trata apenas de dar uns avisos». Júlio é um poeta!

Ora eu o ano passado fiz uma partida: Aumentou os bilhetes sem dar cavaco. Eu já o

avisei: — Ó Júlio, olha o que fazes!...

Pois Senhor Júlio respondeu-me que «não me meta nisso; bilhetes não são contas do meu rosário».

De modo que, repellido pelos homens do palco mais pelo da bilheteira — que mais me resta senão ausentar-me da Festa?!

.....

Ora eu ia falando das muitas queixas que

acorrem ao pé de mim.

João deve dizer neste número que alguém, muitas vezes e de muitos modos presente à nossa vida, se tirou dos seus cuidados, foi saber preços de baterias e mandou o necessário cheque. Logo o Senhor me comunicou que só tinha pena de mim; que «aquilo era instrumento de fazer muito barulho!»

Pois eu não tive ainda razão de queixa. Porém não diz o mesmo o nosso Professor. O salão de Festas é no 1.º andar das Escolas. De maneira que o edifício tem fun-

Continua na página 8

Visado pela
Comissão de Censura

Colaboração

O AMOR NÃO CONHECE DISTÂNCIAS

UM DESABAFO

«Com os meus respeitos, junto envio a importância de Esc.: 50\$00 (anuidade do jornal e 20\$00, referentes ao livro «Obra da Rua»).

Sojro também. Há 17 anos que tenho um grave problema moral. Agora piorei imenso. Por tudo isto, conheço e sinto bem as vossas dores, e não esqueço a propaganda do vosso «Famoso», falando dele a pessoas conhecidas, deixando-o nos consultórios, nos C. T. T., nos barbeiros, etc..

Se me permite deixo aqui uma sugestão: inserir permanentemente no vosso jornal pedidos de selos e assinantes. Por exemplo:

Selos — Também gastamos. Mandem-nos alguns.

Assinantes — Cada assinante é um continuador da Obra. Que cada um traga outro, se não puder trazer mais. Muitos ainda somos poucos.

Uns pequenos rectângulos podem circunscrever estes textos, ou outros mais apropriados, estimulando e alertando toda esta grande Família.

O que vos desejo não é que me ajudem, é apenas desabafo. Todo o rapaz é um mundo infinitamente digno de atenção, sobretudo o jovem desventurado».

O FAMOSO

COMUNHÃO NAS NOSSAS PREOCUPAÇÕES

«Embora com o pensamento sempre em vós, vivendo espiritualmente os vossos problemas, os vossos anseios, as vossas preocupações, e também as vossas alegrias, não sei explicar o porquê deste impedimento que me surgiu exactamente na altura do Natal, em que tanto desejava ter marcado a minha presença junto de vós, com um pequenino óbulo para a vossa consoda.

E faço votos de que continue a progredir num ritmo cada vez maior a «Obra da Rua» e que o grande Santo o nosso Venerando e sempre tão saudosamente lembrado P.e Américo representa também em todo o mundo, esta paixão do Amor ao próximo, na pessoa dos Pobres. E assim, derretidos o gelo e a dureza

de tantos corações, todos unidos, pelo mesmo ideal cristão, pudéssemos melhor pedir ao Senhor, a paz, a fraternidade e a concórdia entre todos os Seus filhos. São os desejos sin-

ceros do muito dedicado amigo da «Obra da Rua» e de todos quantos nela servem, com tanto amor, formando a grande Família da «Casa do Gaiato».

«Sou um grande admirador da Obra do Padre Américo, embora até à data, nunca tenha contribuído isoladamente para tão grande instituição.

Agora que estou longe da Metrópole e porque aqui em Macau pouco se ouve falar do Padre Américo, resolvi contribuir com um pequeno óbulo que espero não seja o último. Não prometo assiduidade nem importâncias certas. Sempre que for tocado pela lembrança dos rapazes da rua que a Casa do Gaiato arranca da miséria e encaminha numa forma sublime para uma vida útil à sociedade, lá enviarei qualquer coisa».

O AMOR DESPERTA ANSIEDADE

«Não posso pensar qual o motivo porque não é o vosso jornal semanal, ainda que para isso nós pagássemos mais. Pedia-vos se me podem enviar, qualquer dos livros do Santo Pai Américo pois eu preciso de dar a uns noivos um livro e creio que nenhum

a incompreensão e abandono de muitos responsáveis.

Incúria esta a todos os títulos lamentável e que já se pagou com jurros pesadíssimos, mas que não foram suficientes para abrir os olhos aos que se fecham no seu egoísmo «legal».

Tenho meditado muitas vezes na frase do Pai Américo: «Somos uns vencidos! A Miséria avança!»

Costaria de ter o texto comple-

dos Leitores

AGITADOR DE CONSCIÊNCIAS

«Dá ideia que me esqueci de vocês, o que não é exacto.

Nunca sei quando acaba a minha assinatura e vocês também não me dizem nada. Tinha ultimamente uns assuntos que me têm retardado em vos escrever, mas o vosso jornalzinho é sempre lido com toda a atenção e simpatia. Se ele não fosse, além do mais, um agitador de consciências!!...

Que o Senhor Jesus vos proteja e a todos nós».

CORPO MÍSTICO

«Não tenho dúvidas em afirmar que «O Gaiato» tem aberto os olhos para a vida como ela deve ser vivida: Não somos nós o centro, mas sim rodeando os nossos irmãos todos, sobretudo os que de nós precisam. E o extraordinário é que a minha cruz é mais leve, caminho com uma grave enfermidade mas conformada e alegre como Ele quer.

Sempre muito obrigada por tudo e creia-me admiradora sincera da Vossa Obra».

SINTO-ME HUMILDE, PEQUENINA, DIANTE DA OBRA DO PAI AMÉRICO

«Admiro profundamente a Obra do Pai Américo e considero-O um dos maiores portugueses de todos os tempos.

Ele, com a sua maravilhosa Obra, demonstra ao mundo que um coração humano que cresceu na miséria, que foi criado entre o vício e a vadiagem é capaz de se transformar num coração de Homem bom, tão útil à Sociedade e tão digno de Deus.

A minha assinatura do vosso jornal encontra-se em atraso há já anos, peço-vos o favor de me informarem o número de anos em que não foi paga e qual a quantia que devo à Obra do Pai Américo.

Perdoem-me esta falta.

Espero, com a ajuda de Deus, um dia não ser apenas assinante do vosso jornal, mas oferecer o que puder aos gaiatos.

E sempre que ofereça, não o farei com a intenção de fazer bem, mas com a intenção de ver uma migalhinha ganha por mim, na Obra espantosa que uma grande Alma criou em Portugal.

Sinto-me humilde, pequenina, diante da Obra do Pai Américo, mas feliz, completamente feliz.

Ele mostra aos corações jovens que logo que tomam Deus na sua alma, têm de amar o Próximo, muito, muito, como Ele, Pai Américo, o amou!»

QUE BELA A GRATIDÃO!

«Venho por este meio muito encarecidamente dirigir-me a V.

R.ª para assim liquidar as contas da minha assinatura do meu jornal. Junto a esta carta lhes envio 100 escudos para assim ajudar essa Obra de que tanto careço, pois mesmo eu por essa Obra benéfica fui beneficiado com 1.500 escudos para a ajuda da minha pobre casa onde vivo. Nunca mais me esquecerei todos os anos pelo Natal de lhe enviar um donativo pois para assim cumprir com um dever de obrigação».

melhor do que esta vossa leitura para meditação.

A minha vida é de muito trabalho e eu não posso arranjar mais assinantes neste momento, mas dele, «O Gaiato», falo a todos».

A VOZ DOS EMIGRANTES

«Habituei-me a passar os olhos pelo «O Gaiato» e como há muito deixei o meu saudosos Portugal e vou fixar residência aqui, (Alemanha) muito desejo e preciso de ler o vosso evangelho.

Envio a minha direcção e aguardarei, desejosa de que em breve possa ser realidade, ter «O Gaiato» de novo diante de mim».

SIMPLES E PROFUNDO

«Junto vão 100\$00, o seu fim sabe-o o Senhor melhor do que eu.

Isto de ler o jornal «O Gaiato», é muito simples, mas ao mesmo tempo muito profundo».

PAI AMÉRICO

«Se todos os que dizem defender a Bandeira das Quinas tivessem interpretado o Evangelho à maneira do Pai Américo não teríamos hoje a lamentar tantas mortes e destruições. Mas são bem poucos os que cometem a «loucura» de ver na criança uma riqueza nacional. Tomam-se todas as precauções para defender diamantes, mas aquelas joias que foram remidas com o sangue de Cristo, essas continuam a sofrer

to do discurso proferido no Coliseu dos Recreios em Lisboa pelo saudosos Fundador do vosso jornal».

«Um dia perguntei ao Pai Américo se podia numa férias, passar uns dias em Paço de Sousa ou se lá não eram permitidas saias. Respondeu-me num postal:

«Sim. Pode vir que tudo se arranjará».

Não cheguei a ter esse gosto, pois entretanto Deus chamou-O.

O falecido Dr. Joaquim Diniz da Fonseca, que muito o auxiliou a livrar-se das peias de quem queria lhes prestassem contas, dizia: «Sempre que estou com o Pai Américo noto-lhe uma contínua ascensão para Deus».

Conto-lhe isto porque talvez goste de saber a opinião de quem tanto O admirou. A Obra nasceu quando ele era Subsecretário da Assistência, e o Pai Américo continuou sempre a procurá-lo. Eu ia muitas vezes a casa dele, e notava como chegava a casa entusiasmado quando recebera a visita do Pai Américo».

A DUREZA DA VIDA SABOR À VERDADE

«Sou o assinante n.º 10599 do vosso jornal (também lhe posso chamar «nosso»), e venho anunciar-lhe o meu novo endereço por motivo do meu regresso à Metrópole.

Muitas vezes me ampararam os vossos testemunhos que mais valor lhe encontramos quando as condições de vida não são fáceis, como aqui não são para nós militares».



PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

* **AGUA:** — Com tanta chuva que tem caído será um paradoxo vir falar em falta de água. Pois é verdade!

Derivado ao facto de subida um tanto brusca dela, nos poços aonde nos abastecemos, motivou avarias nos respectivos motores. Um dos quais teve de ser deslocado, pela circunstância de estar coberto de água. Deu tudo isto muito trabalho ao Sr. P. e Baptista que por isso apanhou muita chuva por causa de saber a maneira de arranjar a coisa, de forma a que não faltasse o precioso líquido.

Mas tal não aconteceu. Pois estivemos durante uns dias a ter que andar a proceder como quando no Verão passado havia escassez dela. Andar munidos de baldes para onde era preciso.

* **AQUECIMENTO:** — Apesar deste Inverno não ter sido até agora tão rigoroso, em frio, como foi o transacto; apesar disso, e, como o «Calvário» tem na grande maioria, além de doentes, velhos que necessitam do calor indispensável. Para o caso dos pavilhões dos paralíticos o caso está resolvido. Pois encontra-se instalado um sistema de aquecimento central que é muito bom (quando funciona bem). E para além da sensação agradável que causa para quem está e para quem, nos dias mais frígidos, lá entra. Apesar disso, dizia, tem sido um ótimo auxílio para a secagem da roupa que todos os dias é lavada.

Com a chegada do primeiro frio tornou-se uma necessidade. Mas o funcionamento é que não foi, nos primeiros dias, de molde a satisfazer.

Achou-se remédio para remediar os males que estorvavam, depois de dar trabalho e arrelias. Agora... «papa lenha que é um muno» — diz o senhor Daniel. «O pior é que tanta lenha que se preparou para esse fim... já se foi quase toda! O ano passado foi frio; este é como todos sabemos».

Pois o transacto comprou-se carvão apropriado. Como não se gastou todo já anda a servir. Para que os doentes tenham roupa lavada (e tanta que é precisa todos os dias) e para que nos dias de mais baixa temperatura não tenham que recorrer a muitos cobertores!

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

* A moda agora é... a Festa! Cá em Casa tudo fala na Festa! Outro dia o «Cantante» perguntou-me, convencido de que iria ser actor: «Então, quando ensaio?» Eu olhei para ele, sorri, mas aliviei para canto. É que o «Cantante» certamente não entrará, mas poderia entrar se houvesse pelo menos mais quatro ou cinco iguais a ele em tamanho, jeito e vontade. Mas alguns querem a Festa e é manifesto o seu não te rales. Então

o Sr. P. e Horácio parece não saber dizer mais nada senão: «desenrasquem-se». Mas a malta não desanima e atira-se para a frente.

Os ensaios começaram, e interromperam-se por doença de um dos elementos do «Podió-ó-ó-chamá-lo». Contamos levar parte do nosso repertório e temos já algumas canções para as quais a Festa podia ser já hoje; outras porém terão de levar uns «toques» e outras ainda uns «grandes retoques». E então para os Conimbricenses que se têm mostrado do público mais exigente mas também do mais vibrante! Mas assim está bem: é assim que nós gostamos. Por isso vibraremos convosco na noite de 22 de Março.

* Embora os dias estejam já a crescer não se pode ainda dizer que sejam grandes. Por isso, depois das 18 horas, a nossa vida caseira resume-se no seguinte:

Os da escola vão para a escola, estudar as lições para o dia seguinte. Carlos Manuel, um dos nossos que é professor, vai também e quando pode dá doutrina.

Os que já fizeram a 4.ª classe, juntam-se na sala de jogos dos mais velhos e umas vezes lê-se, outras vezes falamos dos nossos problemas ou de outros assuntos familiares. É uma hora em que depois de um dia e outro de trabalho, pai e filhos, se sentam à volta da mesma mesa, a fim de se sentirem mais em família.

António Ferreira da Silva

Paço de Sousa

* Ontem, o Sr. P. e Carlos chamou-me ao escritório, a fim de lhe dar texto para o artigo «Festas». Agora apetece-me fazer o mesmo ao começar esta crónica. Tenho andado quase alheio ao que se passa entre nós. As festas andam na ordem do dia, e eu não vejo mais nada além destas. Os dias que nos separam da estreia são escassos, e no entanto, ainda há muito que suar. Porém eu tenho fé, que os meus colegas continuem com o mesmo entusiasmo que os trouxe até aqui. Entusiasmo este, que é a fonte limpa de uma amizade fraterna. E mal de nós — mal de nós, que sentimos mais de perto a responsabilidade — se não encontrássemos o apoio e o carinho dos que nos rodeiam. Nesse caso queridos amigos, não havia Festa. Havia sim, um espectáculo como tantos por esse mundo além. Mas o nosso não é espectáculo, mas sim uma festa onde se reúnem os amigos após um ano de interlúdio. É assim que a sentimos, é assim que a vivemos. Todavia, nem todos entendem isto. Mas vamos concretizando porque este é o nosso fim.

Não me vou adiantar mais e despedir-me até à festa. Apenas agradecemos mais uma vez a oferta da bateria que tão prontamente nos foi oferecida. Está montada no nosso Salão de Festas para o Varela se treinar. Ele é o apaixonado do instrumento, e não deixa fugir uma oportunidade de se exhibir perante a malta do ensaio.

E para não fugir à verdade também gosto de o ver mexer com aquela trapalhada toda, que é sem dúvida um pouco confusa. O Varela viu o seu sonho realizado. Acompanhar a nossa orquestra, como baterista. O lugar é dele, a opinião é vossa.

JOÃO DA ROCHA

BENGUELA

* Leitores amigos: mais uma vez me apresento nestas colunas para vos dar notícias desta Casa.

* **OBRAS:** — Ninguém mais do que eu, dos Rapazes, em trabalho material, sabe avaliar o trabalho que elas dão.

A Casa-Mãe vai indo devagar, pois começou-se com o edifício da padaria, lavandaria, etc. Mas, este está parado, visto se terem começado com as oficinas de Carpintaria e Serralharia. Estas sim. Sobem animadamente sem parar. Temos para começar, o depósito de água, porque sem ele não podemos habitar as casas.

Planta e os cálculos do ferro, já se encontram cá. Mas, diz o Sr. Fernando que dez mil quilos de ferro não chegam para o referido.

Amigos, é convosco. Só vós nos podeis ajudar.

Os pedidos para a entrada de rapazes, são constantes. Vamos trabalhar para isso.

* **INSTRUMENTOS:** Pedimo-los e eles vieram. São eles: Bateria, viola eléctrica, piano, acordeão e consta que dentro em breve virá um violão.

Faltavam os tocadores. Mas, não desanimamos, pois o «Toi» e o João Mourato vão quase todos os dias à cidade para receberem lições.

Para o acordeão, também irão dois rapazes aprender.

Em face disto Srs. Benguelenses, preparem-se para o Monumental, pois este ano os músicos, bem ou mal, seremos nós.

* Para terminar, peço ao leitor, que está a ler, que volte a meditar a leitura por onde comecei, pois por ela é que me veio a vontade de escrever estas linhas. Obrigado.

João Evangelista

TOJAL

* Passa a falar o Tojal. Talvez por motivo de esquecimento, ou até de preguiça, as nossas notícias não têm aparecido no «Famoso».

Ficamos um pouco desapontados com a partida do «Mário da Guiné»; e ainda por cima passados dez dias, falece a senhora D. Luísa.

Ora, estes acontecimentos, já lá iam 16 anos que não aconteciam, mas desta vez foram dois e nisto é preciso muita cautela.

Temos a certeza, que eles no Céu, velam e pedem por nós, que cá ficamos, até sermos chamados a contas.

É preciso termos muito azar, pois foram dois Mários, e Deus permita, que não parta mais nenhum, nem Mários, nem outros nomes quaisquer.

* Mas mudando de conversa. Se entro na rouparia, vem a Sra.: «Não te esqueças de pedir o ferro de

passar roupa e as toalhas, coisas que nos fazem muita falta».

E agora só para nós, vamos calar a Sra. D. Virginia. Está bem?

* Vamos começar com uma orquestra.

Digam-me lá os senhores, o que vale uma casa sem telhado?

E o que é que valerá, orquestra e os rapazes, sem instrumentos? Este pedido, já anda há tanto tempo. Será desta?

* As escolas ultimam-se. Os nossos olhares dirigem-se agora ao seu equipamento. São secretárias, são carteiros, são armários. Não haverá por aí algum comerciante de mobílias, ou quem o queira substituir na função, capaz de compreender a nossa linguagem e de se explicar? Queira Deus que sim.

* **FESTAS** — Já começamos com ensaios, mas, como sempre, nesta Casa a festa é feita por alguns rapazes e não por todos; ora isto não está certo, porque a Festa é de todos em geral: mesmo que não possamos fazer a peça, ou outra coisa qualquer, temos que colaborar; e os amigos também.

Os Amigos colaboram comprando o bilhete, pois dão muito entusiasmo aos rapazes e a Festa sai que é uma categoria; é preciso a sala encher.

* **JORNAL** — Por minha parte acho que em Lisboa vendia-se mais jornais mas agora não passamos da cepa torta.

Será desinteresse dos rapazes ou será dos amigos? Vamos lá ver, vamos! Leitor se gostas de ler o «Famoso» e tens amigos, aconselha-os a comprarem-no também, pois lendo uma vez, não deixam uma quinzena sem o comprar.

Visto isto estar no fim, é com muita alegria que vou receber as vossas encomendas e desde já agradeço, o

MARINHO

SETÚBAL

* Realizou-se nos dias 9 e 10 do passado mês em nossa Casa a reunião dos chefes de todas as Casas do Gaiato da Metrópole.

Pená foi que não pudessem estar presentes os nossos padres e chefes de África. Aliás eles não estiveram presentes corporalmente, mas estou certo que apesar da sua ausência nem por isso a nossa união deixou de ser mais firme e verdadeira. — O nosso pensamento foi o deles.

Que mais precisamos do que a graça de Deus para que estejamos verdadeiramente unidos?!

A última reunião tinha-se realizado o ano passado, quando da realização das «Bodas de Prata».

É dado o entusiasmo com que os nossos chefes vieram da dita reunião, os nossos padres resolveram que todos os anos se efectuaria uma reunião de chefes.

Como até aqui todas se tinham efectuado nas Casas do Norte, viemos até ao Sul e portanto calhou a sorte a Setúbal (grande honra diga-se de passagem).

Iniciámo-la dia 9 (quarta-feira) à noite e o Senhor P. e Acílio explicounos qual o verdadeiro motivo por que estávamos ali reunidos.

Disse-nos ainda que a reunião não

era de «C» ou de «G», mas sim de todos e por conseguinte, todos tinham o dever de colaborar abertamente; que aqueles que tivessem mais dificuldades em expressar-se que o fizessem por gestos, mas que todos dissessem aquilo que sentiam.

Terminada esta pequena explicação, reunimo-nos em grupos por Casas, isto é, cada Casa se reuniu separadamente e estudou mais pormenorizadamente o questionário que nos era apresentado. Dia 10 (dia propriamente da reunião) foi iniciado com a Santa Missa, às 7 horas da manhã.

Missa de comunidade, pois ninguém faltou, inclusivamente os rapazes do Lar, pois a nossa camioneta foi buscá-los muito cedo.

Os nossos padres concelebraram; e nós com eles.

Na Homilia falou-nos o Sr. P. e Luiz. Falou-nos principalmente do dever que tinha cada um dentro da Família, desde os mais novos no seu trabalho, brincadeira, a varrerem as ruas... até ao chefe maioral.

Explicou-nos que devíamos ser todos muito unidos e não puxar cada um para seu lado.

Que cada um deve aperfeiçoar-se o máximo individualmente, para que depois possa pôr o seu aperfeiçoamento no conjunto, isto é, ao serviço dos outros. E nenhum tem o direito de dizer que isto não é para mim, pois todos têm obrigação de pôrem a render os talentos que lhe foram dados; e não fazerem como o servo infiel da parábola, que enterrou o denário para que não lho roubassem.

Se nos deram cinco temos obrigação de, pelo menos, apresentarmos dez. E para mostrar que realmente deve existir entre nós uma verdadeira união apresentou-nos um exemplo bastante elucidativo:

— Para que servirá uma equipe constituída por onze Eusébios ou onze Pélys, se eles jogam cada um para si, e não se importarem com o conjunto nem a união?

Que importa a preparação individual se ela depois não é posta ao serviço do conjunto?

Reunimo-nos novamente e apresentámos e discutimos então os diversos problemas que tinham sido escolhidos, e que cada grupo, isto é, cada Casa apresentou.

Acabámos já bastante tarde, mas mesmo assim depois do jantar cada um regressou a suas Casas.

CRISANTO

BELÉM

* Eu sou da cozinha e venho escrever para o jornal, a pedir a quem tenha a generosidade de nos dar uma panela e um tacho, porque nós rompemos-lhes os fundos; têm de ir para o latociro e ficam mais pequenos.

Nós vamos aumentando e as panelas vão diminuindo, porque se rompem. Não tem graça nenhuma, porque cá em casa nunca falta o apetite.

Uma vez um Senhor mandou para cá uma panela grande e disse que, quando quiséssemos mais, era só pedir. Por isso cá estamos nós a fazer o pedido no jornal, porque não o conhecemos. A panela precisa de levar 15 litros e o tacho 10 litros. Antes mais um pouco do que menos.

Por hoje mais nada. Cá ficamos à espera de quem nos ouça.

LOURDES

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

22 de Março

Às 21,30



Colaboração

Conforme à tradição criada, não queremos que falte na comemoração aniversária de «O Gaiato» este número que é, afinal, o específico da comemoração.

Na nossa mesa de Família excepcionalmente numerosa, há sempre lugar para mais um. E assim, ao longo do ano, ou sob a epígrafe «Uma carta», ou sob qualquer outra, não há número do jornal que não traga colaboração dos leitores, os quais tantas vezes nos sugerem temas e ajudam a nossa pobre imaginação criadora a reflectir verdades que andam na alma dos homens que se debruçam sobre o Homem.

Mas um aniversário é distinguido. É normal a presença de convidados. E eles aqui estão, não porque fossem objecto formal de um convite, mas aparecidos espontaneamente, naquele jeito familiar que não conhece cerimónias.

Que felizes nos torna «O Gaiato»! Que doce este convívio activo da grande Família da Obra!, de tal modo prezada, que lhe demos um lugar expresso nas «Normas de Vida dos padres da rua»: «Considera-se também da Família aquela imensa e anónima legião de Amigos, que, com o seu amor, seus sacrifícios, suas orações e esmolas, ajudam os obreiros de dentro a realizar a Obra».

Que o Senhor nos dê como prenda de anos do Seu Famoso a graça de avançarmos no sentir consciente da Família que queremos ser, — nos dê a nós, os de dentro, com o nosso grande rancho de filhos, crianças, adolescentes e jovens.

Espero que não torne a acontecer isto com o dinheiro dos pobres. E já que havia atraso de dois anos, como pude verificar, pago estes mais o ano de 1966, para castigo do esquecimento. Segue o cheque de 120\$00.

«Ordenado há mais de um ano, senti o remorso de ainda não ser assinante do «Famoso», eu que o lia desde os meus dez anos e que me queimou tantas vezes a alma na escadada para o sacerdócio.

Depois, foi a graça extraordinária de ter como condiscípulo e de me ordenar com um dos vossos padres.

Hoje sinto-me feliz por ter cumprido um dever e por ter a certeza de que, quinzenalmente, terei à porta uma grande fonte de meditação — um evangelho vivo de quatro páginas.

Obrigado por toda essa lufada de ar fresco sobre os padres destes nossos tempos. O Senhor vos continuará a compensar».

Testemunhos de Pais

«Com 11 gaiatos em casa não tenho grandes possibilidades de ajudar os outros mas, com boa vontade, sempre se vai arranjando algum. Quando tal suceder mandarei mais.

Não quero, por fim, deixar de vos agradecer o precioso auxílio que «O Gaiato» me dá na educação da minha prole».

lices sinto vontade de lhe escrever e falar-lhe como se ele fosse meu filho, mas desisto com receio de fazer mal. Às vezes uma mãe consegue... Tenho aqui uma carta para um vosso irmão de Setúbal; ele anda sem juízo e eu ralo-me, pois também tenho um filho que me dá bastantes canseiras. Se conseguisse com as minhas palavras que ele se emendasse era tão bom! Talvez Jesus deixe.

Amo-vos a todos, desde o mais velho ao mais pequenino; os de cá e os de além, vivo as vossas dificuldades e as vossas alegrias e embora não vos visite (isso não me é possível) nem vos escreva, nem vos ajude, quero-vos sinceramente muito. Obrigada».

«Nunca é sem emoção que leio o vosso jornal e leio-o aos meus filhos, muitas vezes, tal como minha mãe o fez a mim, de olhos razos de lágrimas, de tal maneira nos tocam fundo e nos enternecem, as desgraças de uns e a abnegação e espírito de solidariedade de outros».

«Depois disto, continua em aberto uma dívida ainda maior e que nada tem a ver com o dinheiro; devo a essa Obra o imenso bem que dela tenho recebido pelo exemplo muito concreto, muito realista de como se ama e educa. Sou uma mãe de 6 filhos a aprender convosco.

Que na inspiração do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora Mãe esteja sempre convosco. Rev.ª e com os seus padres».

Inquietação Sacerdotal

«Com um grande amor, esta pequena oferta para o evangélico e sempre conciliar «O Gaiato».

No amor de Jesus e Maria».

«Meus caros gaiatos:

Os meus votos de que sejais uma força na recuperação moral do país.

Desde a hora em que o Pai Américo levantou a bandeira da caridade na nossa terra portuguesa muitos filhos da rua se tornaram cidadãos úteis e muita

gente em Portugal se redimiou de pecados, através da generosidade e da esmola.

Peço me desculpem a demora e o atraso e no vosso jornal levantai um pouco de campanha em favor dos grandes pobres da humanidade — os ébrios e as raparigas da rua.

Em Portugal é grande o número destes pobres.

Teremos uma grande obra nacional de recuperação de bêbados e de prostitutas?

São muito ligados estes males.

O irmão que esteve convosco desde a primeira hora e abraça

os padres da rua, alguns, velhos condiscípulos».

«Caríssimo irmão sacerdote: Muita alegria e fé no Senhor Jesus. Ele é bem «o Senhor do impossível». Agarremo-nos a Ele e venceremos o ódio e a indiferença que gelam as relações entre os homens.

Envio 100\$00. Suponho que deve ser altura de pagar «O Gaiato». Se não for, então fica para os Rapazes. Duma maneira ou de outra é sempre para eles».

«Admirador do saudoso P.e Américo, com respeitosos cumprimentos, venho dizer-lhe do meu grande pesar de estar à margem de todo o serviço, por grave doença de coração!

Atingi os 80 anos. Estou já exonerado da vida paroquial, à espera de ordens do meu Prelado, as quais só podem ser de obrigado repouso!

Atrave-me a mandar essa insignificante nota que só tem de importante a imagem de Santo António, para reparar alguma falta»!

«Escreve o assinante n.º 9657 para agradecer o vosso postal, como mola de despetador.

Teatro Aveirense
Aveiro

23 DE MARÇO
às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro Aveirense

Teatro Ribeiro Conceição
Lamego

28 DE MARÇO
às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro Ribeiro Conceição, na Casa Lopes & Requeixo e na Tabacaria Valente



dos Leitores

«Os meus melhores cumprimentos e votos de óptima saúde.

Envio 50\$00 para pagamento do meu jornal, do ano corrente.

Como o jornal «O Gaiato» é tão útil!

Depois de eu o ter lido ofereço-o às outras pessoas para também tomarem conhecimento da tão grande Obra!»

«Já agora que estou em contacto convosco pedia um favor, (se possível): O meu número de assinante não é 13.876, mas sim, 3.553, como tereis ocasião de verificar, e eu orgulho-me de ser assinante desde 1947.

Um abraço e mãos à Obra».

«Como assinante n.º 1.441 do vosso famoso jornal, que já o leio vai para alguns anos e nunca

OS QUE PAGAM A ASSINATURA

me canso de o ler, pelas suas belas lições de amor que nos dá.

Deus os guarde e lhes dê muita saúde e forças e a grande caridade cristã e a graça de Deus, pelo Santíssimo Nome de Jesus».

«Queridos Amigos: Ainda que um pouco tarde, do que peço perdão, envio e junto 30\$00 para «agradecimento» da minha assinatura do nosso «Famoso», referente ao ano de 1965.

Que o Senhor, em Seu Nome Bendito, vos continue a vivificar, entusiasmar, ajudar e a santificar essa Obra da Santa Igreja. E que a Mãe da Igreja e Sua Mãe Santíssima seja a vossa Estrela protectora na alegria e na paz.

Tantos estudos, tanta busca do Evangelho... e a vós foi-vos dado encontrá-lo há tanto tempo e tão completo no Amor de Deus e do Próximo, na Piedade e na Fé das Boas Obras — tão simplesmente, tão perenemente!...

Por tudo, no entanto, demos graças a Deus!»

«Hoje, por vale de correio, envio a importância de 50\$00, para pagamento da minha assinatura de «O Gaiato».

Continua «famoso» em todos os aspectos. E eu, por todas as graças por seu intermédio recebidas no meu Lar, me confesso muito e muito grato.

A assinatura do senhor J. A. J., de Penela, porque Nosso Senhor o chamou à eterna morada, peço a dêem por finda. Era assinatura que eu pedi ficasse a meu cargo».

«O último número do «Famoso» está um encanto! Li-o no dia que me chegou e logo o emprestei a um amigo, a ver se o animo a tomar assinatura. Um jornal do «quilate» de «O Gaiato», só há uma classe dispensada de o assinar, pelo menos cá no País: — os analfabetos!»

«Desculpem este atraso, mas por motivos alheios à minha vontade fui obrigada a fazê-lo.

Já sentia vergonha e por várias vezes pensei avisar para não enviarem o jornal, mas... faz tão bem a sua leitura!»

«Suponho que sobeja uma pequena quantia que significa um bocadinho da minha simpatia pela vossa Obra. E digo «bocadinho» porque nem sempre podemos exteriorizar os sentimentos do mesmo modo.

Neste último fim de semana estava eu sentada numa das esplanadas da praia da Nazaré quando se abeirou um dos

garotos da vossa Casa. Era o «Xangai», suponho que de Lisboa, que se limitou a estender-me o jornal e a dizer: — «Para auxiliar o Gaiato!»

Após a minha mesa, o rapazito continuou a sua tarefa, estendendo o jornal e repetindo a mesma frase. A minha amizade pela Obra levou-me a seguir com os meus olhos as passadas do pequeno. E então

verifiquei, dolorosamente, e tanto que os meus olhos se me humedeceram, que em cada uma das mesas, a não ser alguma rara excepção, se limitavam a abanar a cabeça, indiferentes ao apelo do «Xangai» que retratava todos os garotos a quem se recusavam a ajudar, negando-lhe até um sorriso ou mesmo uma palavra».

«Deus entrou novamente em mim».

São poucas estas minhas palavras em homenagem à «Obra da Rua», mas quero fazer sentir o quanto estimo esta Obra. Sou portuense, conheço a vossa Obra há muitos anos, também tenho estado várias vezes em Paço de Sousa. Mas hoje, passando o tempo esperando um amigo, comprei o vosso jornal. Então vi que deveria continuar comprando, pois li o exemplo escrito no jornal de um estudante de Setúbal, eu mesmo me sinto na necessidade de acompanhar as palavras dos meus irmãos «filhos do nosso saudoso Pai Américo».

Quero ser assinante do vosso jornal, e para tal envio a minha direcção, também quero saber o quanto tenho a pagar, começo por enviar um pequeno donativo para a Obra. É pequeno mas pequenas são as minhas posses, pois estou servindo a Pátria Mãe na Força Aérea. Sinto-me pecador e peço que nas vossas orações, irmãos da Obra da Rua, se lembrem deste vosso irmão».

O FAMOSO

COMUNHÃO NAS PREOCUPAÇÕES

«Em primeiro lugar o maior progresso da Obra e em segundo lugar um pouquinho de desabafo a fim da dor e desgostos que os senhores padres da Obra estão a começar a suportar a respeito dos rapazes que no fim de estarem a caminho de ganharem dinheiro as mães vêm-nos buscar e não deixam completar a Obra que parte do que se fez e talvez o melhor se vai estragar; pois é muito chato e prejudicial à Obra e à Sociedade; pois no meu simples desabafo achava bem ou arranjar uma segurança de os não poderem levar sem o tempo ou idade conveniente ou então não aceitar senão órfãos de pai e mãe porque daqui a pouco não faltará quem se faça ainda mais pobres do que são para aí instruírem os filhos e ganharem pão sem se importarem com a formação das virtudes para o futuro. Isto não é dar lições nem conselhos; é só desabafar

com uma família que também é minha de espírito e de coração».

ORA QUE BOM!

«Ao retirar do cacifo da correspondência o último exemplar de «O Gaiato», na presença de alguns camaradas, tive a oportunidade de os esclarecer sobre o significado e os objectivos da Obra.

Com sinceros desejos de prosperidade».

AMOR RECEBIDO SEM VER

«...Sem mais, cumprimentos e desejos de muita saúde, da sempre amiga que nunca vos esquece, apesar de nunca vos ter visto, nem ter tido possibilidades de visitar a vossa Casa, mas se não o tenho feito, não é por não ter vontade. Que Deus ma agradeça».



Zangada com o fotógrafo, eis a filha do Manuel Fernando.



Sorrindo para a objectiva, aí têm a Natália, filha do «Zé do Porto».

NETOS da OBRA DA RUA



O filho do «Quim Pequénito» fitando o passarinho.



CANTINHO DOS RAPAZES

Há um mês que nos reunimos em Setúbal. Quem dera que permanecessem vivas em cada um dos que participaram naquela reunião, as impressões colhidas nesses dias de trabalho intenso.

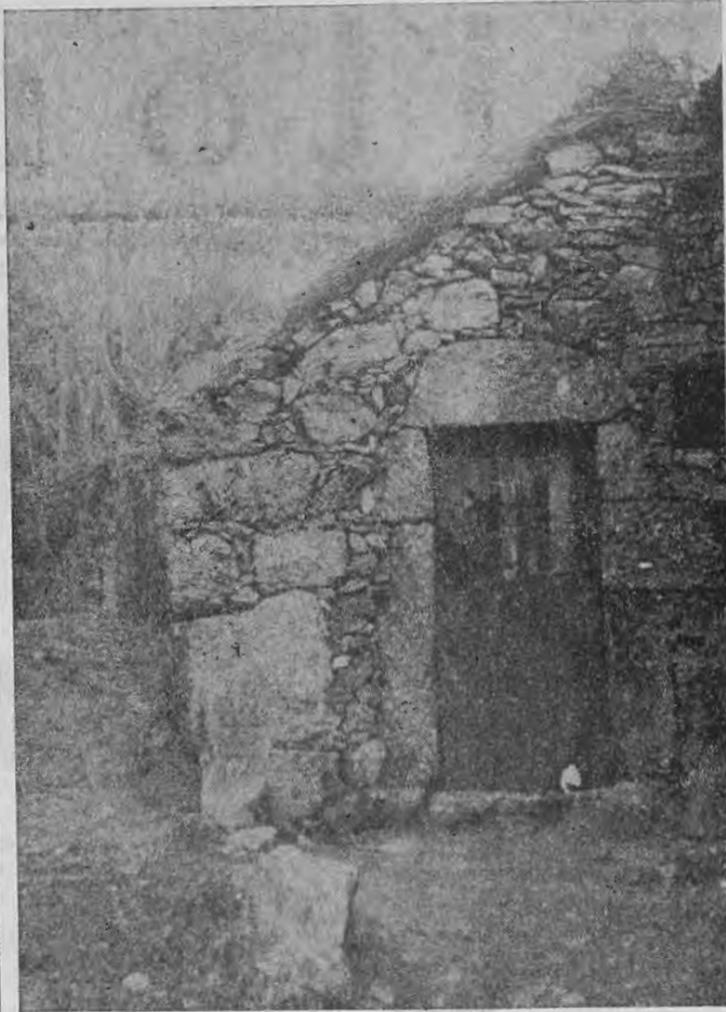
Devemos a todas as nossas Comunidades o dar conta do que ali se passou. Este tempo de Festas e de muitos trabalhos tipográficos, ainda não permitiu pôr cá fora o número da «Voz dos Novos» que se pensa dedicar àquele encontro. Esperamos, porém, não faltar.

Para nós, vossos padres, foi uma jornada feliz. Dialogou-se — coisa cujo hábito muito decaiu no nosso mundinho, de tal modo que, ainda quando o diálogo surge, não lhe é clima a serenidade, nem a objectividade na diversa posição das ideias; antes costuma reinar o insulto e a confusão.

Nós juntámo-nos para compararmos a nossa vida de Família com o ideal que Pai Américo nos traçou. E procurarmos todos tirar dessa comparação remédios práticos para as deficiências que há.

Não engano se vos disser que nesta reunião, quanto mais alta era a posição dos intervenientes, mais aprendizes eles se consideravam. Nós acreditamos na riqueza que Deus tem para dar a uma sociedade por cada um dos seus membros. Pequenos que eles sejam; modestos que sejam os seus recursos — que importa?! Pois não nos diz o Evangelho que «da boca das crianças sai o perfeito louvor»? Vários, de várias pontos de vista, vêem melhor do que um só, nem que este se desloque na procura das diversas perspectivas. Basto que no coração de cada um haja o sincero desejo de encontrar a Verdade; a recta intenção de buscar o Bem.

Assim todo o diálogo é proveitoso. Sobre um tal alicerce, «de toda a discussão sai a luz». Discussão pacífica, objectiva, humilde — nada dessas querelas apaixonadas em que se misturam



Contrastes



DUAS ERAS, DUAS IMAGENS — UMA REALIDADE: GUERRA AO PARDIEIRO!

DISCRETA E SUAVEMENTE, COMO A LUZ QUE NOS ALUMIA SOERGUE DA ESCURIDÃO, ASSIM O «PATRIMÓNIO DOS POBRES» VAI ABRINDO OS OLHOS A MUITA GENTE!

alhos e bogalhos, e se fazem pecados contra a caridade e contra a inteligência.

Este respeito pela pessoa humana; a consideração pelo valor positivo de que todo o homem é portador; o acreditar na eficiência deste valor, pequeno seja ele, que no somatório de todos os membros de uma sociedade se exprime por um grande número — estão, justamente, na base da pedagogia de Pai Américo.

Só neste ponto os mais mentalizados dos que intervieram no diálogo de Setúbal, só neste se consideravam um pouquinho mestres. No resto — já disse — éramos os mais aprendizes de todos.

É que nós queríamos que cada um de vós trouxesse de lá mais consciência do que é e do que vale e do que pode prestar à realização autêntica do ideal que Pai Américo nos legou. Queríamos ser um fermento de liberdade na responsabilidade no seio da grande Sociedade a que pertence a nossa Família. E temo-lo sido um bocadinho! Mas não podemos sê-lo sem vós. E poderíamos ser mais. Até para que a pelintrice «snob» do «made in France», não perdesse tempo nem gastesse dinheiro em «colóquios» e «congressos» ou «dias de estudo» dirigidos por estrangeiros, em busca de muita certeza que por cá já se achou e já se vai realizando, ainda que bastante imperfeitamente.

Tribuna de Coimbra

Hoje peguei na agenda de 1 de Outubro e vou registar tuas presenças. Começo pelas últimas: vinte mais vinte em Santa Cruz; pelo telefone de Coimbra recado para vinte alqueires de milho e dois de feijão; um jovem militar de Coimbra, na despedida para Cabo Verde, com um grande abraço, deixou quinhentos seus e mil de um Amigo; uma senhora minha conterrânea entregou cem para duas medidas de milho; muitos sacos de laranjas da minha aldeia; em no mesmo sítio; cheque de três mil de Lisboa de senhora (de origem estrangeira) que nos visitou há anos e nunca mais perdeu sua paixão. Que bela lição para as pessoas vizinhas, que se dizem muito amigas e nunca cá puseram os pés!

Cinquenta de farmacêutico de Penela; vinte ao nosso recebedor dos subscritores de Coimbra; cem de uma figueirense em Ponte do Sor; cinquenta de sacerdote na Lousã; cem de um em Coimbra e duzentos de outro na mesma; cento e vinte de Sá da Bandeira do Porto; Vale do correio do Norte de alguém que recebera para consoada; cinquenta na Igreja de Miranda; quinhentos e roupas de Lisboa a pedir uma oração pelos seus

entes queridos; cem de Lisboa do primeiro vencimento; muitas roupas e calçado da Covilhã e que Deus tenha em paz quem usou; quinhentos e camisolas do Entoneamento e mais cem idem e muito carinho.

Cento e cinquenta e muita amizade de Lisboa; mil mais quinhentos; mais quinhentos de Lisboa para minhas aflições; carta do Entoneamento a pedir duas Missas que celebrei; cinquenta mais cinquenta ao vendedor de Tomar; cinquenta em Mira de médico amigo; embrulhos de Vale do Lobo; roupas e muito carinho da Mãe Liz; duzentos da farmácia de Lisboa; resto de conta de casal de Miranda. Vinte de Miranda; mil e mais cem na nossa Missa de Natal; cinquenta dum irmão de Lisboa; mil ao vendedor de Leiria; mil para os Pobres entregues a Paço de Sousa; duzentos de família de Miranda; cinquenta na Praia de Mira; um cheque de Alberto do Canadá; quinhentos no Lar de Lisboa; roupas da Figueira da Foz.

Volta Coimbra a estar presente: duzentos de quem não quis prenda de anos; duzentos do primeiro ordenado dum jovem formado; quarenta numa reunião; camisolas e mais

de professor amigo; vinte pela Mãe e pela Sogra; mil de Helena e Maria; doze caixas de farinha da Sociedade de Produtos Lácteos; vinte por alma de José; embrulhos e uma carta com mil; mil de quem acorre a todas as nossas aflições; duas caixas de maçãs levadas ao Lar por um professor universitário, cinquenta de quem tem muitas dificuldades.

Retalhos de fazendas, embrulhos e cartas no Castelo; vinte e cinco na Sé Nova; cem em Santa Cruz; cinquenta mais cem ao pároco de Santa Cruz; a mão estendida de doutor juiz de sempre.

Na quadra de Natal: nas igrejas, no eléctrico, na rua, no Lar, na Mabor, em casa, em cartas, em vales de correio, no salão, nas lojas, nos armazéns, nas fábricas, em cheque, no Castelo, no Grémio.

Informo-te que na semana passada enchemos de novo as nossas arcas com vinte contos de milho, e espero que mo ajudes a pagar, como alguns já fizeram, e te lembres de que não comemos só boroa.

Recebe o testemunho da minha gratidão pelo alívio que tua presença me dá.

Padre Horácio



★ BELEM ★

Quando eu aqui propus uma volta pela nossa quinta, logo que estivesse bom tempo, longe estaria de supor que, no dia seguinte, com chuvinha e tudo, de lá me viria o assunto para esta crônica.

E veio-me ter a casa, porque eu, cheia de gripe, fizera o propósito de, naquele dia, não pôr pés lá fora. Meti-me no quarto e abri a gaveta da correspondência, resolvida a aproveitar o recolhimento para a pôr em dia.

Senão quando... oiço a Concelção:

— Minha mãe, o cão dos vizinhos entrou para a nossa quinta e espantou os nossos marrecos. Eu e a Madalena, fomos a correr, mas não chegámos a tempo e eles voaram por cima do muro, para as terras dos vizinhos.

— Tendes que ir lá encaminhá-los, que eles não conseguem voar para tão alto e podem perder-se.

Elas são as que cuidam dos porcos mas, naquela altura, andavam a apanhar grelos, enquanto a Isaurinha tinha ido à Estação, com outras duas. Não me admirei nada do sucedido. Ambas raciocinam, andam e trabalham ao retardador e o cão dos vizinhos é novo e brincalhão. Por isso...

Daí a pouco, era a Madalena, que me chamava do corredor:

— Uma marreca voou para um poço e agora anda lá... a nadar... não sabemos como há-de sair...

Procurava fazer cara de caso mas, no fundo, via-se bem que estava a achar graça à proeza da ave. Pudera! Se ela é especialista em malas-artes...

— Então? Vejam lá se conseguem que ela saia, senão, adeus marreca e adeus voos.

Partiu à desfilada. Mas, antes que chegasse ao seu destino, já eu me tinha arrependido do que dissera. Vê-se bem que estou doente — disse para os meus botões. Mas, firme no propósito de não pôr pés lá fora, encomendei-as ao Anjo da Guarda e fui encostar o nariz aos vidros da janela. Fiquei a saber, pelas andanças delas, o local do sinistro. Entretanto, surgiu a Isaurinha, com as outras duas, à entrada da quinta. Respirei! — Que se arranjem!... E recolhi-me, já a pensar em cobertor que me amortecesse os arrepios de frio.

Mas, passado pouco tempo, aí temos a Isaurinha:

— Eu não sei como havemos de tirar a marreca do poço. Agora meteu-se para uma mina...

— Eu é que não posso saber. Como querem que eu diga daqui como há-de sair o bicho? Ponham a cabeça a trabalhar... Ora esta! E não contem que eu lá vá. Estou doente, percebem? Não estou na cama, mas façam de conta que estou, porque tenho febre...

Lá se foram, mas nada convencidas, bem sei... Se nunca me viram de cama, nem doente a sério...

— Olhe lá, vá a casa do senhor Maurício e diga que o cão de lá espantou os nossos marrecos e que façam o favor de mandar o criado ajudar a tirar a marreca, visto que hoje não trazemos cá nenhum trabalhador. Passado um bocadinho...

— O criado do senhor Maurício foi lá, disse que não sabia

— E agora? — pergunto a um, e pergunto a outro. Eles entreolham-se. Olham-me. Olham para os lados com os olhos cheios desta pergunta. E agora?

Agora respondo eu. Mandame mais camisas para que estes pequeninos possam brincar, rasgar as camisas e virem-se assim acusar!

Eles eram da rua. Hoje são almas inocentes!...

.....

A Festa começa a fazer aqui o seu borborinho! Este ano vai ser uma composição original toda deles. Eu nem sequer posso fazer censura. Gosto tanto de saber que não me é permitido censurar. Eles sabem a sua responsabilidade. São capazes dela e eis a minha censura!

Pois, dizia eu, tem havido aqui borborinho porque o «Rouxinol» adoeceu, ficou na cama no Lar e quando me apanhou fora de Setúbal veio para Casa mais o Crisanto fazer serão ensaiando a Festa.

Parce que vai haver televisão. Os miudos vieram-me contar que a televisão «ó natural» era mais bonita. Eu não sei nada. Não procuro saber. Ouço. Alguns descuidam-se e começam a cantar. Eu per-

o que havia de fazer, não ligou nenhuma e foi-se embora.

Nem respondi, mas fiquei com pena da ave, condenada a morrer de fome. Porém, daí a bocado, volta a Isaurinha à carga:

— Posso ir chamar o senhor José, para ver se ele consegue tirar a marreca?

— O quê? Então o senhor José veio trabalhar e ninguém me disse nada, nem lhe deram o vinho do almoço?!... Vá então chamar o senhor José. Que vá ao poço e veja se consegue atravessar uma escada ou tábuas da entrada da mina à boca do poço, para a marreca poder subir.

— Mas, o poço tem escadas de pedra...

— O quê?! Então para que andam a incomodar meio mundo? Não vêem que a marreca, o que tem é medo de vocês? Deixem-na à vontade, que ela sairá, quando se fartar de nadar.

Daí a bocado, vou à janela e que vejo? A Licas à coxa, como se esperasse coelho. E a marreca



AS BELENITAS QUASE TODAS NUM RECANTO DA SUA QUINTA

sinistrada a passar-lhe pelas costas, estrada acima, toda segura da situação. A espertalhona não só encontrara a saída da mina como a entrada da quinta.

E não tardou que a Isaurinha entrasse em casa, a cantar vitória:

— A marreca já saiu, mas não subiu pelas escadas...
Inês — Belém — Viseu

BARREDO

Receei o Barredo durante a cheia, pela situação angustiosa de tantos que vivem na Ribeira. Mas todos, afinal, todos haviam sido recolhidos por várias Instituições de assistência e organismos oficiais, em admirável colaboração. Bem hajam de Deus quantos para isso trabalharam. Tudo retomou já o seu lugar, embora continuem nas ruas os vestígios da água.

Ali na Fonte Taurina, logo na primeira porta onde entrei, um quadro de sofrimento. Vela-se uma criancinha de meses. «Foi dos intestinos», diz o pai, sem atinar com as causas mais profundas. Na mãe, de faces enrugadas e duras, mal se adivinha a dor. À volta, os irmãozitos e outros, brincam indiferentes.

A seguir, uma viúva cujo filho único vai cumprir o serviço militar, pede-me uma mala para ele guardar lá as suas coisas. «Como hei-de agora viver sem o meu filho? Não tenho quem mo ganhe... Nem para a renda da casa...» Quanto a isso dei-lhe esperanças que tenho em Deus, de serem alimentadas por vós.

Outra que enfaixa com muita ternura o filho recém-nascido. É o quinto e o mais velho anda em cinco anos. Os outros são de berço ainda, e estão a dormir.

Fui puxado pelo braço à beira de alguns doentes, que gemem mais a fome que os filhos passam que a doença própria. Um cigano mora ali há nove anos. A mulher está doente e tem o filhinho ao peito que procura avidamente no seio mais um engano que o alimento de que precisa. «Não tenho para o negóciosinho. Quando há para comprar uns panos, vamos vivendo, mas com ela doente, gastámos tudo». Ele não sabe, nem ninguém o aceita noutra coisa, senão no seu «negóciosinho». Ali, a comungar o seu drama, eu que sempre e só vi ciganos de longe, e confesso que, com certo desdém mais que compaixão, senti-o mais meu irmão. Falei-lhe mais com a alma que com a boca. Por isso também lhe deixei maior ajuda.

Ainda mais outro no leito. Impossibilitado para qualquer trabalho pelo desastre em

Custoiás, aguarda, como certamente outros, uma indemnização justa, porque nunca mais pôde trabalhar.

Passsei adiante e dei um salto à pressa à Escada do Barredo, onde só vi a sra. Maria Nôcia, pobre sôzinha que quase vai mirrando, já mal podendo falar. Vive num cubículo de pátamar, rodeada duma profusão de estampas e imagens, que mais realçam nela a verdadeira imagem do Sofredor.

Depois foi a senhora Carlota, a mulher da alegre e santa resignação. «Eu até tenho pena de passar vontade de comer. Mas passo, passo. Se se compra café, não se pode comprar para a sopa. Se se compra para um comersinho, já se não pode comprar uma sopa. Como há-de a gente andar fresca e bonita?»

«Ó vós todos, que sentis mais pesadamente o peso da Cruz, que sois pobres e abandonados, vós que chorais, que sois perseguidos pela justiça, perante quem nos calam, vós, os do sofrimento ignorado, recobrai alento: Sois os preferidos do Reino de Deus, o Reino da esperança, da felicidade e da vida: vós que sois os irmãos de Cristo Sofredor; e com Ele se quiserdes salvareis o mundo!»

Sabei que não estais sós nem separados, nem abandonados, nem inúteis. Vós sois os chamados por Cristo, a Sua imagem viva e transparente. Em Seu Nome, saúda-vos o Concílio com amor, agradece-vos, assegura-vos a amizade e a assistência da Igreja e abençoa-vos». (Da mensagem do Concílio aos Pobres e a todos que sofrem).

Homem que me lê, vê o apreço em que a Igreja tem o Pobre, vê o preço porque a humanidade estouvada e delirante perde os valores eternos e se tens fé e amor, une-te ao Homem das dores, colocado na Cruz pelos nossos pecados e para a nossa salvação e deixa-te prender ao Pobre, «imagem viva e transparente» que te prende a Cristo! E nEle a um «reino de esperança, de felicidade e vida».

Padre José Maria



Estão aqui à minha frente o «Marinho» e o «Gordo».

Eu estava no escritório deliciando-me com Pai Américo na leitura do «Obra da Rua». Ouço bater de mansinho. Penso que sejam os mais pequeninos.

Ninguém insiste. Eu refilo:

— Faz favor.

Ninguém entra. Vou abrir. São eles:

O «Marinho» andando com uma perna e depois com outra, acompanhando o movimento com a cabeça explica-se:

— «Sepadecilo» está aqui o «Gordo».

— Pois. Estou a vê-lo.

— Andávamos a brincar e eu rasguei-lhe a camisa.

O «Gordo» vinha com a alma a rir-se e o pescoço apertado com o colar da camisa. O resto eram farrapos.

guntei outro dia ao «Rouba-Calças» onde tinha aprendido uma cantiga tão bonita que ele cantava.

— É da Festa, disse ele com a alma cheia.

Padre Acílio



CORPO DE BAPAZES PARA BAPAZES, PELOS BAPAZES



Chegou a bora de comprometer as grandes Casas da região no levantamento da Aldeia dos Rapazes. Até agora, com raras exceções, tem sido o povo anónimo o grande obreiro da nova Casa do Gaiato. Mas não basta.

Por isso, vou dar-vos contas das minhas passadas pelas ruas de Benguela. Bati a muitas portas. Subi degraus de escada. Estive em gabinete

o grave problema do garoto da rua, abandonado ou em perigo moral.

Não fui só. A Justiça me acompanhou. Ia defender direitos. Ia defender vítimas inocentes. E, não raro, o dinheiro tem servido para ofender a Justiça. Também levava comigo a Caridade. Resultado: 50 sacos de cimento aqui, 5.000\$00 mais adiante; 2.000\$ noutra rua; «Passe por cá

mesmo assim; com Amigos desta qualidade far-se-ão autênticos milagres.

Andamos empenhados em lançar «O Gaiato» nos outros que nos rodeiam. Para o Cubal vão umas dezenas. Temos lá apaixonados. Entre os funcionários do C.F.B. contamos muitos leitores. Agora não há problemas de transferências de dinheiros para os que quiserem liquidar a sua assinatura. Presentemente saem quase 50.000 exemplares quinzenalmente para todo o mundo. É uma tiragem extraordinária e diz bem do interesse do público pela Obra do Pai Américo. Aos fazendeiros da região quisemos fazer chegar também «O Gaiato». Gostávamos de saber o que pensam, pois não prevenimos.

Para a Ganda seguem bastantes números. Alto Catum-

Aqui, Lisboa!

E a Obra da Rua continua a crescer no Céu, a interceder, diz-nos a Fé, pela Obra da Rua da Terra. Mal iam decorridos dez dias sobre o passamento do nosso Mário, já o Senhor nos batia à porta para levar a senhora D. Luísa. Louvado seja Deus!

Há vidas escondidas, apagadas, em que quase não se repara e que, no entanto, na sua humildade, nos confundem e edificam. A vida da D. Luísa foi assim. Uma entrega sem reservas de todas as suas capacidades, um espírito de sacrifício difícil de igualar, uma simplicidade natural fora dos esquemas do mundo, uma fé profunda à maneira dos primeiros cristãos, uma disponibilidade de forças físicas e morais, tudo a lembrar a «mulher forte» do Evangelho, cujo «valor é maior que tudo o que vem de longe e dos últimos confins da Terra».

Vai passado algum tempo sobre a pergunta que alguém nos fez sobre «as condições» em que se poderia entregar aos Rapazes. A nossa resposta foi, para lá da sua maneira crua, elucidativa: nenhuma condição, apenas a entrega total poderá informar uma autêntica doação. Quem ama não o pode fazer em meios terrenos, pois isso seria negar o Amor, que se poderá crescer em pureza e em eficácia, não admite moldes fraccionários. E a D. Luísa ao doar-se ao serviço de Deus e dos nossos Rapazes, não opôs reticências nem rejeitou os espinhos dolorosos que cinco anos de permanência nesta Casa

lhe depararam em abundância. Foi um holocausto lento, aceite com um sorriso, que nos levou, muitas vezes, a pensar e a dizer que tinha o Céu garantido. De certo, «se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, acreditamos também — como diz S. Paulo — que Deus levará para junto de Jesus aqueles que morreram no Seu amor». Ora, a senhora D. Luísa, que tinha ajudado o Mário espiritualmente, na semana anterior, «só queria morrer no Seu Amor», pelo que é certo usufruir agora da graça da companhia do Mestre. Que interceda com a Obra da Rua do Céu pela Obra da Rua da Terra, mórmente pela Casa onde, com uma fé simples, à maneira do Evangelho, serviu os irmãos e tirou o bilhete para a eternidade.

A OS corações femininos, tão proverbialmente generosos e dedicados, nos dirigimos mais uma vez. Precisamos de senhoras dispostas a «perder a vida para a ganhar», equilibradas, em que a frustração não entre, para serem Mães de uma grande e heterogênea família, por sua natureza difícil e em que os escolhidos não faltam. Que venham, desprendidas, sem buscar compensações humanas de qualquer espécie; vejam, conheçam o espírito da Obra, sintam o sangue correr das picadelas dos espinhos, para poderem dizer um sim consciente, livre.

Padro Luiz



UMA BELA PERSPECTIVA DA «CASA-MÃE» DE BENGUELA.

tes de trabalho. Sentei-me em poltronas destinadas a «grandes senhores». Ouvi palavras de estímulo e promessas consoladoras. Escutei lamentações. Dei com portas que não se abriram. E também recebi algum dinheiro. Em outras casas não entrei, porque, desde o início, a si mesmas se impuseram, espontaneamente, a obrigação de incluir, todos os meses, no seu orçamento, o quinhão do garoto da rua.

Fui documentado com papéis, para transmitir com mais fidelidade o que se vai realizando. Se para uns não era novidade, para outros uma revelação.

Mais que mostrar papéis, interessava lançar inquietação nos homens de negócio, peran-

outro dia», numa esquina da R. 5 de Outubro; ao lado, «dir-lhe-ei depois o que combinar, mas conte com a nossa ajuda»; mais adiante «o patrão está a chegar da Metrópole e irá ver». Bati duas vezes à mesma porta e ouvi «o patrão agora não o pode receber». Continuarei. É assim a vida do «Padre da Rua».

CAMPANHA DE ASSINATURAS DE «O GAIATO» — Regressava há dias do Lobito e dei boleia. Era um leitor entusiasta do jornal «O Gaiato». Falou da Campanha a favor de «O Gaiato»: «não é para se arrumar em cima da mesa, mas para ser lido», dizia ele. É

bela! Temos lá Amigos, muitos. Dêem notícias e «O Gaiato» seguirá.

Vamos lançar-nos na Campanha de assinaturas.

Padre Manuel António

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

cionamento permanente: ensaios em cima; escola por baixo. Os Senhores estão já a compreender o drama?!...

Mas os próprios empresários encontraram já na bateria o seu quê de contradição. (Isto soube-o eu de fonte limpa!) É que o talento prá bateria tem-no o Varela. Como, porém, este tinha já a seu cargo muitos números e não estava disponível, pensaram fazer do «Aranha» baterista, fundados nas boas provas prestadas no nosso «Conservatório». Ora o «Aranha» solfeja muito bem; já assopra muito razoavelmente em não sei que instrumento metálico. Porém na bateria não deu nada.

De modo que os ilustres responsáveis pelo espectáculo interrogam-se sobre quem há-de ser o substituto do Varela, que assim o liberte prá bateria...

Bem feito!

musicais a contar pelos dedos a partir do sol...!

Afinal sempre arranjei uma espreitadela aos bastidores.

Agora se os Senhores querem saber o resto, não facilitem, que as Salns uonde vamos podiam ser maiores...

E até lá!

COLISEU

17 de Março

Às 21,30 h.

DO

PORTO

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Teatro Jordão

Guimarães

18 DE MARÇO

às 21,30 horas

Teatro Circo

Braga

24 DE MARÇO

às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda nas bilheteiras de cada um dos Teatros